

As vozes que emergem da antologia “Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam interescolar”

Haissa de Farias Vitoriano Pereira*
José Hélder Pinheiro Alves**

Resumo

O presente estudo parte de uma breve retomada sobre antologias literárias no Brasil, a fim de chegar à presença de poemas, produzidos e performados nos *Slams* brasileiros, nesses livros, com ênfase na antologia poética intitulada *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam interescolar* (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021). Essa antologia, além de apresentar um compilado da produção dos jovens e adolescentes das escolas paulistas que participaram do *Slam* interescolar entre os anos de 2015 e 2019, traz capítulos como “*Slam* interescolar de São Paulo 2019”, “Pedagogia do *Slam*” e o “O interescolar pelo mundo”, que corroboram o entendimento dessa cena poética no âmbito pedagógico. O objetivo é compreender e elencar possíveis critérios de seleção dos poemas que compõem a antologia, além de discorrer sobre o caráter informador e formador da obra para professores e demais profissionais da área da poesia que almejem trabalhar o gênero literário com jovens e adolescentes.

Palavras-chave: Slam; antologia; poesia; performance.

* Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino e Linguagem (PPGLE) pela Universidade Federal de Campina Grande. Especialista em Ensino Profissional e Técnico pelo IFSC; Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1828-6445>.

** Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutor em Letras-literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado em Literatura Brasileira pela UFMG. Professor Titular de Literatura Brasileira Universidade Federal de Campina Grande, PB, onde atua no PPGLE-UFCG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4304-7178>.

Emerging voices from the anthology “From the streets to the schools, from the schools to the streets: inter-school slam”

Abstract

The present study starts with a brief review of Brazilian literary anthologies in order to find poems produced and performed in Brazilian Slams, focusing on the poetic anthology entitled *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam interescolar* (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021). In addition to presenting a compilation of texts by young and adolescent students from schools in the city of São Paulo that participated in the interschool Slam between the years 2015 and 2019, and also bringing chapters such as “Interescolar Slam of São Paulo 2019”, “Slam pedagogy” and “Interescolar around the world”, this anthology corroborates the understanding of this poetic scene in the pedagogical scope. The objective of the present study is to understand and list possible criteria for the poems that make up the anthology, and also discuss the informative and formative character of the work for teachers and other professionals in the poetic area who aim to work with this literary genre with young and adolescents.

keywords: Slam; anthology; poetry; performance.

Antologias em perspectiva

As antologias literárias são obras compostas de textos diversos, compilados em um volume para publicação e circulação, que podem contar com a presença de diferentes gêneros literários, tanto em verso quanto em prosa. Os critérios das seleções podem variar bastante, desde a escolha desses gêneros, passando pelas temáticas, proximidade de estilo, até recortes temporais, revelando estilos de época e tendências literárias, inclusive consolidando cânones ao longo das gerações. A importância das antologias na cena literária acompanha sua versatilidade e capacidade de se adaptar a todo e qualquer contexto.

Segundo Zambelli (2017), no Brasil, as antologias, antes chamadas de parnasos e florilégios oitocentistas, começaram a se firmar, distinguindo o gênero antológico do das histórias literárias, já em fins do século XIX, com *Antologia nacional*, de Barreto e Laet, em 1885, e *História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero, em 1888. Mas se consolidaram com essa nomenclatura nas primeiras décadas do século XX, com publicações como *Poetas brasileiros*, de Oliveira e Jobim, em 1921, e *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*, de Manuel Bandeira, em 1937. Esta última representando um marco importante da literatura nacional, não apenas pela relevância e critérios da seleção, mas pela forma como foi concebida e pela notoriedade de sua função.

A antologia de Bandeira (1937), além de ser fundamental para o entendimento atual de antologia, ainda mantinha uma relação estreita com o ensino, uma vez que foi produzida a pedido de Gustavo Capanema, então Ministro da Educação do governo de Getúlio Vargas, que solicitou o trabalho em comemoração ao centenário do Romantismo (ZAMBELLI, 2017). Bandeira deixa isso posto na sua antologia, quando diz: “Esta obra, comemorativa do centenário da publicação dos ‘Suspiros poéticos e saudades’, foi mandada publicar sob os auspícios do presidente Getúlio Vargas, pelo Ministro Gustavo Capanema, e faz parte a coleção de antologias que o Ministério da Educação vai publicar.” (BANDEIRA, 1937, p. 5).

O intuito da antologia era servir como fonte para professores e alunos. O caráter compilador e seletor de uma antologia serve de panorama de um determinado recorte literário. Nesse caso, Bandeira fez um recorte,

segundo argumenta no seu prefácio, partindo do critério da atualidade (do seu tempo), elegendo os poetas e poemas que considerava melhor retratar o romantismo no Brasil, pinçando autores de diversas regiões, que seriam levados diretamente para a formação dos estudantes em todo o território nacional.

Tanto a seleção, de grande impacto literário, quanto seu caráter formador agregam uma outra característica que devemos levar em consideração quando observamos as antologias, que é a capacidade de capturarem e consolidarem um cânone, o que nos leva a pensar nas subjetividades que determinam não só a presença, como a ausência de outros autores. Portanto, as antologias são, a um só tempo, gregárias — por viabilizarem, num único volume, o contato com diversos/as poetas diferentes — e excludentes — uma vez que deixam outros/as de fora.

Ademais, se pensarmos a título de publicação, essas antologias começam confirmando a circulação de nomes que já possuíam certo espaço e prestígio, que geralmente são os escritores homens e brancos. Contudo, com o passar do tempo, as grandes editoras começaram a assimilar as novas demandas de mercado e de consumo, abrindo espaço para que novos nomes se fizessem presentes nas suas antologias. É o que aconteceu com as antologias organizadas pela pesquisadora Heloisa Buarque de Hollanda: *26 poetas hoje*, publicado em 1976, com escritores que, à época, estavam mais à margem das grandes publicações, como Chacal e Cacaso, mas com uma presença ainda tímida de mulheres, cinco ao todo (Ana Cristina Cesar, Zulmira Ribeiro Tavares, Isabel Câmara, Vera Pedrosa e Leila Miccolis), de modo que a cena ainda permanecia majoritariamente masculina; e *As 29 poetas hoje*, publicado em 2021, dessa vez trazendo um livro composto integralmente por mulheres, com diferentes tons e estilos. Ambos os volumes foram publicados pela Companhia das Letras,¹ editora de grande circulação nacional.

Enquanto a primeira antologia da pesquisadora colocava no mapa alguns autores da geração mimeógrafo, principalmente os que circulavam no eixo Rio - São Paulo, a segunda expandiu a circulação da voz de diferentes mulheres do Brasil, inclusive as que circulavam apenas na cena poética periférica, como os saraus de ruas e *Slams*. Um nome que ganhou destaque

¹ A primeira versão da antologia *26 poetas hoje*, organizada por Heloisa Buarque de Hollanda, foi publicada pela editora Labor do Brasil, em 1976; teve uma segunda edição, em 1998, pela editora Aeroplano; e uma terceira, publicada pela Companhia das Letras, em 2021.

na cena das ruas, sobretudo nos *Slams*, e compõe a antologia das *29 poetas hoje* é Mel Duarte, poeta paulistana, primeira mulher a ganhar o Rio Poetry Slam (Campeonato Internacional de Poesia), em 2016, e destaque, no mesmo ano, no sarau de abertura da Flip (Feira Literária Internacional de Paraty).

A presença de Mel Duarte, tanto na Flip de 2016, quanto na antologia de Hollanda (2021), é sintoma do lugar que os *Slams* começaram a alcançar no Brasil e também de como as antologias podem refletir seu próprio tempo e não apenas olhar para o passado. E este é o eixo do artigo, relacionar essas duas temáticas: *Slams* e antologias poéticas. Para tanto, partimos desta breve introdução, a fim de retratar a diversidade de estilos poéticos presentes nessas obras, até chegar às voltadas para os poemas produzidos nos *Slams*, também chamados de “poesia *Slam*”, com especial destaque para a antologia *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam interescolar*, organizada por Emerson Alcade Jesus, Cristina Adelina de Assunção e Uilian da Silva Santos (Chapéu). O objetivo é compreender os critérios de seleção dos poemas que compõem a obra, além de discorrer sobre o caráter informador e formador dessa antologia para professores e demais profissionais da área da poesia que almejem trabalhar o gênero literário com jovens e adolescentes.

Slam: do mundo para o Brasil e sua presença nas antologias brasileiras

O *Slam*, como evento poético, surgiu em Chicago, em 1984. O termo é uma onomatopeia cunhada por Marc Kelly Smith, que deu nome ao evento *Uptown Poetry Slam* (NEVES, 2017), ganhando, depois, proporções mundiais. O evento chegou ao Brasil em 2008, através de Roberta Estrela D’Alva, “atriz-MC, diretora musical, pesquisadora, apresentadora de um programa juvenil na TV-Cultura de SP” (NEVES, 2017, p. 93), e posteriormente ganhou vertentes bem distintas, uma no teatro fechado, com microfone, outra na rua, em roda, e uma terceira com poemas curtos. Mas a que de fato se consolidou no Brasil foi a vertente das rodas de poesia

performada nas ruas e espaços públicos de um modo geral, sobretudo nas áreas mais periféricas.

As batalhas poéticas dos *Slams* levaram para as comunidades periféricas uma aproximação com a poesia, possivelmente por assimilarem as linguagens da comunidade e pelo seu caráter dinâmico, apresentadas como um jogo, tornando-se atrativas principalmente para os jovens. Na dinâmica, compostas pelas pessoas presentes no local, é comum que outras pessoas que estejam apenas transitando nas proximidades se aproximem para olhar e acabem permanecendo durante a performance, voltando a frequentar em outros momentos, até mesmo na posição de *performers*. Essa dinamicidade cria uma diversidade de espectadores/as e de autores/as que vão se revelando a partir do encontro com o evento.

Quando falamos em *Slam*, é importante compreender que se trata de um campeonato de poesia falada em que o/a poeta apresenta seus poemas e é avaliado/a por um júri popular formado na hora. A intenção não é de pensar o/a melhor poeta, ou o melhor poema a partir de perspectivas estilístico-formais, mas a escolha de uma produção que leve em conta as circunstâncias locais, unindo júri e plateia no processo avaliativo da performance do/da poeta naquele dia; de modo que, antes de definir quem é melhor, o *Slam* é uma espécie de encontro da palavra, uma celebração das falas.

Os/as *slammers* (poetas que produzem e performam a poesia *Slam*) precisam apresentar poemas autorais, podendo ter algum recorte musical de outra autoria, mas que sejam majoritariamente compostos por quem os lança no momento da competição. São válidas, também, performances com poemas ritmados, ou até mesmo “cantados”, mas sem a utilização de instrumentos musicais na hora da apresentação. Os poemas carregam em suas linhas as angústias de quem os escreve, num redimensionamento em direção à comunidade, abordando temas cotidianos, como racismo, violência, drogas, machismo e sexismo, entre outros. Diante de todas essas temáticas, o teor é de aspecto crítico e engajado (NEVES, 2017).

Embora tenha chegado e se estabelecido com mais força, inicialmente, no estado de São Paulo, os *Slams* se expandiram e estão presentes em todas as regiões brasileiras, não sendo difícil, hoje, encontrar eventos dessa natureza nos mais diversos cantos do Brasil.

A poesia *Slam* reverbera e é potencializada pela performance, uma vez que recursos corporais e vocais atravessam sua poética, levando o texto para experiências que revelam outras subjetividades que a singularizam. Contudo, mesmo acontecendo como uma poesia projetada para o corpo e a voz, ficando muitas vezes restrita aos saraus e campeonatos orais, e, quando circula, ter sua propagação comumente atrelada aos vídeos, através de plataformas como Youtube e Instagram, ela também tem sido veiculada no formato livro. Exemplo disso são algumas antologias que foram publicadas nos últimos anos, que focalizam a produção desses poemas, como: *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), organizada por Mel Duarte; *Slam Nacional em Dupla: Brasil que o povo quer* (2018), organizado por Emerson Alcade; *Pode pá que é nós que tá* (2012), *Pode pá que é nós que tá - vol. II* (2013) e *Pode pá que é 10* (2016), todas organizadas por Rodrigo Ciríaco; *Slam fluxo: apologia marginal* (2019), organizado por Yasmim Ribeiro; *Favela em ação: Slam Capão* (2020), organizada pelo próprio Slam Capão; *Slam Coalkan* (2022), organizada por Julio Ludemir e Ronald Gulliver — o Slam do Capão é o primeiro a unir povos indígenas do Norte e Sul continental, num campeonato (conforme sinopse do próprio livro escrita por Renata Tupinambá); e, objeto de análise deste artigo, *Das escolas para as ruas, das ruas para as escolas: Slam interescolar* (2021), organizada por Emerson Alcade Jesus, Cristina Adelina de Assunção e Uilian da Silva Santos (Chapéu).

Essas antologias, além de retratarem muito da cena poética atual, trazem à tona também a produção entre os jovens e a forma como a poesia *Slam* tem ganhado espaço entre faixas-etárias cada vez mais baixas, além de pôr em relevo que algumas escolas já estão assimilando essa poesia e o formato das batalhas como conteúdo e estratégia pedagógica. Ao menos três dessas antologias já são sinais dessa realidade: *Pode pá que é nós que tá - vol. II* (2013) e *Pode pá que é 10* (2016), que mesclam poetas e *slammers* já consolidados na cena nacional com jovens em idade escolar que participaram de campeonatos de poesia para garantirem um lugar nas antologias; e *Das escolas para as ruas, das ruas para as escolas: Slam interescolar* (2021), que parte do engajamento do *Slam* da Guilhermina, mas cuja produção é inteiramente dos jovens de ensino fundamental e médio de diversas escolas paulistas que participaram do *Slam Interescolar* entre os

anos de 2015 a 2019. Esta última ganhou destaque nacional, recebendo o prêmio Jabuti de literatura de 2021.

A antologia *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam interescolar* no contexto do ensino e o impacto da poesia Slam entre os jovens

Um nome comum a pelo menos duas das antologias apresentadas no tópico anterior — *Slam nacional em dupla: Brasil que o povo quer* (2018) e *Pode pá que é nós que tá* (2012) — é o de Emerson Alcade,² importante *slammer* brasileiro, campeão da Copa do Mundo de *Slam* de Poesia da França, em 2014, na cidade de Paris, e idealizador do *Slam* da Guilhermina, um dos principais campeonatos de poesia do Brasil, sediado na cidade de São Paulo - SP. A ida do poeta a Paris, para a Copa do Mundo de *Slam*, fez com que ele conhecesse o *Slam* interescolar da capital francesa, evento realizado apenas entre os jovens em idade escolar, no Teatro de Belleville (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021), experiência que o deixou encantado com a capacidade de organização e composição dos jovens parisienses. Voltando ao Brasil, ele, junto a Cristina e Iara (que estiveram em Belleville com Emerson e também são organizadoras do *Slam* da Guilhermina) decidiram recriar o formato dessa cena poética para as escolas de nível fundamental e médio da zona leste de São Paulo.

A ideia virou um projeto mais estruturado, elaborado pelo *Slam* da Guilhermina, no qual Emerson e suas parceiras trabalharam em conjunto, por meio de uma proposta pedagógica de apresentação do *Slam*, até que o evento se tornasse real, saindo do papel e ganhando vida em 2015. Todo o processo, desde a concepção à concretização do evento, está relatado na antologia *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam interescolar* (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021).

² “É poeta, arte-educador, dramaturgo, produtor e *slammer*. Autor de *A massa, O vendedor de travesseiros* e, recentemente, *Diário bolivariano*; também publicou o livro infantil *O boneco do Marcinho* e o CD *Spoken 1.0*. Além de ser um dos nomes expressivos da literatura periférica, é reconhecido como um dos maiores nomes do *Slam* no Brasil. Campeão do *Slam* BR 2015, foi vice-campeão da Copa do Mundo de *Slam* de Poesias de Paris, na França em 2014, é idealizador do *Slam* da Guilhermina, em 2012 (o segundo a se formar no país), que é um dos maiores do Brasil. Possui Curso Superior de Teatro e Especialização em Produção Cultural, ambos pela Universidade Anhembi-Morumbi.” (Disponível em: <https://www.revistapixe.com.br/emerson-alcalde>. Acesso em: abr. 2023).

A antologia, além de apresentar um compilado da produção de jovens e adolescentes das escolas paulistas que participaram do *Slam* interescolar entre os anos de 2015 e 2019, traz capítulos como “*Slam* interescolar de São Paulo 2019”, “Pedagogia do *Slam*” e o “O interescolar pelo mundo”, que corroboram o entendimento dessa cena poética no âmbito pedagógico. Esses capítulos permitem ao leitor uma noção mínima das influências e estratégias utilizadas no processo de preparação para o evento, como: (a) o contato efetivo com o funcionamento do *Slam*, através das apresentações do *Slam* da Guilhermina nas escolas, exclusivo para os alunos, fazendo com que o primeiro contato fosse mais lúdico e de imersão poética, de modo a gerar uma boa expectativa entre os jovens; (b) oficinas de escrita, trabalhando o gênero poesia e a tônica dos *Slams*, com o entendimento de que essas poesias partem de uma perspectiva crítica na construção dos seus versos, assim como a ampliação do repertório, fazendo com que os aprendizes assimilassem mais o seu entorno como inspiração poética; e (c) oficina de passinho (gênero musical conhecido como passinho do romano, muito disseminado sobretudo nas periferias, com forte influência do rap), tanto para estabelecer uma proximidade entre a poesia e o universo dos jovens, como para favorecer a movimentação corporal, potencializando a performance do ponto de vista do corpo e da utilização do espaço. Dentre outras estratégias de ampliação de repertório e desenvoltura na performance que corroborassem a culminância das batalhas com produções autorais.

Mediante o contato com as apresentações do *Slam* da Guilhermina e das oficinas ofertadas aos estudantes, a estes foi oferecida uma percepção de que a poesia *Slam*, ainda que — assim como as poesias de um modo geral —, venha para dar vazão a sentimentos e sensações, ela tem suas especificidades, caracterizada por uma linguagem que flerta mais com a língua das ruas, numa perspectiva mais urbana e periférica, através de versos que, mesmo trazendo subjetividade e linguagem metafórica, também se utilizam muito da linguagem direta e literal, o chamado “papo reto”.

Além do mais, a poesia *Slam* é diretamente atravessada pelos corpos que as produzem e performam. Parte da literariedade dos versos se realiza na performance, tanto pela dinâmica corporal e vocal, quanto pelo encontro entre o que se diz e o que é possível ver, através dos discursos produzidos pelos corpos dos/das performers, que deixam pulsante a diversidade de raças, etnias, gêneros, classes, sobretudo pela presença significativa das

partes menos privilegiadas dessas diversidades — além de existir também um trabalho voltado especialmente para pessoas surdas, como é o caso do *Slam* do corpo,³ presente em diversas regiões brasileiras. As temáticas desses poemas possuem sempre teor crítico e costumam versar sobre as mais diversas problemáticas sociais.

Algo que chama bastante atenção nessa cena poética é o público que a compõe, tendo em vista que é uma cena que se distancia do que ainda vemos figurar como cânone e do que os levantamentos sobre o estudo da poesia nos apontam, quando dizem ser este um gênero cuja circulação ainda é restrita e que ainda encontra dificuldades de ocupar espaço no trabalho da sala de aula e de estabelecer uma boa interação com os jovens (PINHEIRO, 2018). Basta chegar a uma roda de *Slam* para presenciar uma cena repleta de jovens, inclusive jovens pais e mães, que carregam seus filhos ainda de braço, que habitam corpos diversos, com cores diversas, além de virem de diferentes classes sociais, mas com grande parcela proveniente das classes mais baixas — de modo que a diversidade está presente tanto do ponto de vista da produção quanto do consumo.

Não que haja algo de totalmente inovador nisso, uma vez que sabemos da diversidade da poesia ao longo da história, não ficando restrita à dimensão clássica, através poetas que levavam às ruas a boemia e os gritos políticos (dentre outras temáticas) impressos em seus versos. Contudo, essas produções ainda circulavam majoritariamente em espaços mais intelectuais e eram consumidas por públicos também mais específicos.

O que nos parece de fato mais inovador na poesia *Slam* é ela acompanhar um movimento que temos visto atualmente, numa proporção cada vez maior, nas redes sociais, em relação à autoria. Cada vez mais pessoas se sentem à vontade para publicar seus escritos. Nesse sentido, a internet parece democratizar, por viabilizar essas novas formas de publicação, por meio de vídeos, imagens, textos curtos em formato de legenda, Instagrams voltados para a publicação, cumprindo uma função que anos atrás, no meio digital, parecia estar mais restrita aos *blogs*, cujo impacto de compartilhamento era bem menor que o atual. Esse fenômeno chegou a nomear quem produz esse tipo de poesia de Instapoetas,⁴ popularizando o gênero a partir de nomes como João Doederlein, Ryane Leão, Lucão e Zack

³ Existe tanto o *Slam* do corpo quanto o *Slam* do corpinho, em que poetas surdos/as produzem e performam suas poesias em libras. Parte desse trabalho pode ser acompanhado pela página do Instagram do *Slam* do corpo, disponível em: <https://www.instagram.com/slamdocorpo/>.

⁴ Para ler mais sobre, acessar: <https://veja.abril.com.br/especiais/instapoetas-o-fenomeno-que-tirou-a-poeira-da-poesia/>.

Magiezi. Enfim, muitas formas, que demandariam espaço e fôlego aqui. O ponto é essa sensação de pertencimento e autorização para produzir e publicar que tem se ampliado cada vez mais e é, sem dúvida, muito forte nos *Slams*.

A poesia, até então, parecia não ser um gênero para muitos. A subjetividade, a linguagem figurada, as aliterações, métricas, etc., por mais que não imponham uma receita única, costumam figurar no imaginário sobre a poesia como algo mais distante de ser alcançado e acessado. Possivelmente isso se estabelece por conta dos nomes que costumam ser levados para as salas de aula, de poetas cujas escritas se distanciam do universo dos jovens. O que, a princípio, não deveria ser um problema; mas, possivelmente, se torna um, diante do modo como os poemas são apresentados e trabalhados, criando cada vez mais abismos entre o gênero poesia e aqueles que poderiam ser seus potenciais leitores.

A poesia *Slam* surge na contramão dessa configuração, já que cria uma sensação quase palpável de que “qualquer pessoa pode escrever poesia”. Não queremos, aqui, entrar no mérito da qualidade literária ou estética desses poemas, num comparativo com as produções mais consolidadas no meio literário, até por ser este um tema controverso. No momento, nos interessa compreender o alcance dessa poesia, a notável democratização do gênero e o modo como tem circulado e se expandido entre os jovens.

A antologia *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam interescolar* é uma prova dessa movimentação na produção da poesia contemporânea. O livro em questão amplia o alcance da produção desses jovens, reforçando a ideia de democratização dos espaços de escrita e circulação do gênero em tela. Além disso, o fato de a antologia ter levado o prêmio Jabuti de literatura de 2021, importante prêmio da área, faz com que os olhares voltados para essa produção se multipliquem e, sem dúvida, é uma resposta positiva aos jovens que estão embarcando nesse universo poético.

Caracterizando a antologia

Com uma estética divertida, remetendo aos jogos de Atari, que se popularizaram na década de 1980 no Brasil,⁵ a antologia *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam interescolar* conta com uma seleção de 39 poemas escritos por meninos e meninas dos ensinos fundamental I e II e do ensino médio de algumas escolas da zona leste de São Paulo. Esses poemas estão divididos ao longo de seis capítulos, que iniciam sempre com uma apresentação escrita pelos organizadores da coletânea, além de alguns convidados.

A linguagem, tanto das partes discursivas quanto dos poemas, se aproxima muito da linguagem das ruas, das periferias, repleta de gírias, comum aos sujeitos que compõem a antologia, assim como a uma parte de quem se interessa pelo gênero e interage com a obra. Essa característica faz com que a antologia tanto possa ser contemplada pelo universo acadêmico, pelos/as professores/as dos diferentes níveis escolares, como também pelos/as jovens que se interessam por essa poesia e podem se sentir próximos/as de discussões mais complexas que envolvem o fazer poético e a dimensão do ensino, uma vez que todos esses elementos são discutidos a partir de uma abordagem fora da curva, fazendo uso de uma “linguagem da quebrada”, ou que “dichava” as dificuldades enfrentadas ao longo dos anos, como está dito na sinopse da obra, assinada pelo *Slam* da Guilhermina.

Além disso, o livro conta com diversas imagens dos jovens performando seus poemas ao longo dos anos de 2015-2019, atribuindo cara a quem escreve, e com seções denominadas “Raio-X”, nas quais os leitores podem ter um panorama dos participantes e poetas divididos por gênero, nível de formação (ensino fundamental ou médio) e se são de escolas públicas ou privadas, a partir de gráficos e estatísticas. Esses dados, por mais que não possam ser projetados como absolutos em nível nacional, ajudam a compreender algumas características que costumam se confirmar numa impressão mais geral e empírica sobre a cena do *Slam*, que é a virada de paradigma de um perfil, antes, majoritariamente branco e masculino,

5 Disponível em: <https://studhistoria.com.br/historia-das-coisas/historia-dos-brinquedos-jogo-eletronico-atari-2600/#:~:text=Considerado%20um%20s%C3%ADmbolo%20cultural%20da,coloridos%20e%20som%20mais%20n%C3%ADtido>. Acesso em: abr. 2023.

para ambientes que atualmente são repletos de pessoas negras e com grande presença (por vezes, majoritária) feminina.

Os 39 poemas que compõem a antologia são resultado de uma peneira realizada em mais de 250 poemas, atendendo a um desejo de representar a pluralidade em uma obra de espaço limitado, conforme está dito na introdução do livro. Ao longo dos seis capítulos, além do prefácio e da introdução, não há menção a outro critério de seleção para os poemas escolhidos. Alguns dos poemas são dos vencedores dos *Slams* interescolares que ocorreram durante os anos observados na obra, mas muitos outros não são, como também nem todos os poemas vencedores estão presentes na antologia. Em números, numa divisão por gênero e grau escolar (fundamental I, fundamental II e ensino médio), temos a presença da produção de 1 menina (2,5%) e 1 menino (2,5%) do fundamental I, 11 meninas (28,20%) e 4 meninos (10,25%) do fundamental II, e 16 meninas (41,02%) e 6 meninos (15,38%) do ensino médio, o que demonstra uma produção feminina bem maior do que a masculina na antologia, que, em números absolutos, seria de 28 meninas (71,79%) diante de 11 meninos (28,20%).

Essa predominância das meninas se confirma nos gráficos apresentados na antologia, quando revelam uma participação feminina sempre maior em relação à masculina em todos os anos do evento analisado: em 2015, 75% da participação era de meninas, diante de 25% de meninos; em 2016, foram 54% de meninas, diante de 46% de meninos; em 2017, 58% de meninas e 42% de meninos; em 2018, 67% de meninas, diante de 33% de meninos; e, em 2019, esse número ficou mais próximo, com 59% de meninas e 41% meninos. Não é possível determinar que a presença maior de poemas de autoria feminina se dê pela maior participação delas no evento, em relação aos meninos, mas não deixa de ser uma leitura possível.

Além disso, há outro dado relevante nos gráficos apresentados nos Raios-X da antologia, que diz respeito à quantidade de escolas que participaram do evento e à porcentagem que as distingue entre públicas e privadas. Desse modo, nos é apresentado que, no ano de 2015, o evento do *Slam* interescolar contou com a presença de quatro escolas, das quais 75% eram escolas públicas, enquanto 25% eram particulares; em 2016, o número saltou para 20 escolas, sendo 90% públicas e 10% particulares; em 2017, foram 33 escolas, 95% públicas, diante de 5% particulares; em 2018,

As vozes que emergem da antologia "Das ruas para as escolas, das escolas para as 88 ruas: Slam interescolar"

foram 45 escolas, aumentando a diferença entre as instituições, com 96% de escolas públicas, diante de 4% de escolas particulares; e, em 2019, o evento do *Slam* interescolar contou com um total de 80 escolas, quase o dobro do ano anterior, e foi composto integralmente (100%) por escolas públicas.

Essa discrepância entre a participação de escolas públicas e privadas permite, pelo menos, duas leituras. A primeira pode ligar-se ao fato de que o teor crítico das poesias, agenciando o entorno social dos jovens como matéria bruta de suas poéticas, assim como a própria referência e identificação com o *Slam* da Guilhermina, cujos integrantes compartilham de realidades semelhantes às dos jovens, podem funcionar como um aproximador, um mecanismo afetivo que os envolve na cena poética a eles proposta — talvez por uma sensação de pertencimento e possibilidade de se verem ocupando esses espaços de fala. E a segunda entra numa possível dimensão de conflito de interesses entre a proposta questionadora e crítica das poesias e as queixas que pais de alunos começaram a fazer diante das temáticas levantadas no projeto, acirradas pela pressão e temperatura que começavam a se delinear no Brasil em relação ao cenário político vigente, com expressiva polarização entre extrema direita e esquerda.

Na introdução do capítulo 4, referente ao ano de 2018, podemos perceber que essa realidade começou a gerar algum impacto nos poemas performados, surpreendendo os organizadores do evento, que dizem ter se deparado com candidatos do campeonato poético defendendo o que chamaram de “candidato da bala” (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021, p. 87), em referência a Jair Messias Bolsonaro, que foi eleito presidente do Brasil no mesmo ano. Mas essa situação ganhou mais proporção em 2019, conforme relatado no capítulo 5, quando mães e pais fizeram denúncias tanto na ouvidoria da Secretaria de Educação de São Paulo, como na Diretoria de Ensino, além de um pai que ameaçou diretamente uma professora, dizendo que a denunciaria na Secretaria de Educação. As queixas eram de que o evento estava ensinando racismo reverso, gritos contra o governo e demais coisas do gênero.

Na antologia, não fica claro se tais situações ocorriam em ambas as escolas, particulares e privadas, nem se esse é o motivo da ausência das instituições privadas no ano de 2019. Como dissemos, não podemos pressupor isso, de forma categórica, mas levantamos como hipótese, já que, mesmo diante do cenário cada vez mais acirrado e insalubre para discursos

progressistas, o número de escolas públicas cresceu exponencialmente, enquanto o das escolas particulares zerou.

Contudo, não há na antologia nenhum poema que retrate essa voz política divergente. Não sabemos se não estão presentes por questões relativas à qualidade e relevância da produção ou se por não caber na proposta do evento, cuja tônica parte de um olhar engajado e questionador que não dialoga com a defesa das pautas extremistas da direita.

Os poemas que compõem a antologia refletem bastante a proposta dos *Slams*, o que leva a crer que os jovens assimilaram bem o que ouviram e viram nas oficinas e apresentações do *Slam* da Guilhermina. A maioria dos textos possui uma dimensão política, com posicionamentos feministas bem marcados, letramento racial, assim como consciência de classe, mas há também os que se voltam mais para o universo literário e, mesmo tendo um teor crítico, revelam um repertório clássico nas influências de escrita, como é o caso do poema de Giovana da Silva Souza, de 17 anos, aluna do ensino médio.

O poema não tem título e, devido à sua extensão, optamos por trazer apenas um trecho (contudo, ele pode ser lido, na íntegra, na página 154 da antologia): “Me desculpa Carlos Drummond/de Andrade/Porque hoje não trouxe nada/para pôr à mesa/a única coisa que carrego comigo/é a profunda tristeza/De saber que muitos/leem palavras/mas poucos entendem a beleza [...]”. Nessa levada, a jovem vai dialogando com diversos outros poetas, além de Drummond, como Rachel de Queiroz, Vinícius de Moraes, Clarice Lispector, Manuel Bandeira, Machado de Assis, Mario Quintana e Cecília Meireles. Em cada estrofe, vemos o *eu* lírico dialogar com um desses/as poetas, revelando também um certo conhecimento da obra dos/as autores/as, uma vez que há a uma forte presença de intertextualidades com suas respectivas obras ao longo dos versos.

Um aspecto que também chama a atenção é a ênfase maior que é dada à rima como estruturante do texto poético. Os poemas usam e abusam das rimas, por vezes até criando ecos. Nas apresentações performáticas, essas construções costumam ser muito bem recebidas. Dentro dessa perspectiva, um recurso muito utilizado são os chamados *punchlines*, “ou linha de soco, é uma sequência de rimas feitas para impressionar o ouvinte. Geralmente é uma analogia, metáfora ou referência bem elaborada” (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021, p. 38). Nessas ocasiões, a plateia costuma reagir

As vozes que emergem da antologia “Das ruas para as escolas, das escolas para as 90 ruas: Slam interescolar”

energicamente com gritos de apoio, o que reverbera nas notas avaliativas da competição. Em termos de escrita, outro recurso comumente utilizado são as letras em caixa alta para palavras ou até versos inteiros, marcando a subida de voz, o que poderíamos compreender como um poema com um certo mapa sonoro (MINARELLI, 2010), uma vez que são poesias pensadas para a voz.

Embora sejam novos poetas, muitos deles tendo ainda seus primeiros contatos com o universo poético, já é possível identificar em suas produções recursos como neologismos, anáforas, aliteraões, onomatopeias e metáforas, como frisa Cynthia Agra, no prefácio da antologia. Observar esses aprendizados e habilidades desenvolvidos faz-nos crer que compreender os *Slams* talvez seja uma poderosa chave de abordagem do texto poético em sala de aula, uma vez que aproxima, de forma afetiva, os jovens dessa linguagem. Não há dúvidas de que essa poesia tem movimentado e engajado cada vez mais as pessoas de um modo geral, mas sobretudo os jovens, tanto no campo da produção quanto do consumo. Desse modo, as antologias tornam-se poderosas aliadas, já que podem oferecer um panorama variado de poetas a cada volume, expandindo ainda mais o alcance dos textos de quem não tem condições financeiras ou repertório suficiente para lançar livros próprios.

Considerações finais

O *Slam* interescolar, embora seja retratado na antologia a partir dos eventos realizados na cidade de São Paulo, já está presente em diversos outros estados brasileiros, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso e Bahia. Ademais, o evento também tem se espalhado numa esfera internacional e, além do já citado *Slam* interescolar da França, inspiração para a versão brasileira, a antologia *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam interescolar* menciona a presença do evento em lugares como Estados Unidos, Canadá, Austrália, Bélgica, Burundi, Alemanha e Ilha Maurício, na África.

O último capítulo da antologia é destinado a situar essa cena poética no mundo e põe em relevo sua importância na apresentação de

uma literatura não canônica para os jovens, enfatizando essa característica quando fala do impacto do *Slam* interescolar nos EUA, e de como esse movimento “trouxo diversidade étnica, racial e religiosa para a sala de aula, contribuindo diretamente para a democratização e pluralização do ensino nos Estados Unidos” (ASSUNÇÃO; JESUS; SANTOS, 2021, p. 246).

Embora frise os EUA nesse cenário de favorecimento do contato com poetas que fogem ao cânone, acreditamos na presença desse fenômeno também aqui no Brasil e nas demais regiões citadas, que contam com a presença da poesia *Slam*. A diversificação da autoria, a democratização dos espaços de fala e a dimensão crítica dos poemas potencializam essas experiências e, se bem instrumentalizada na sala de aula, pode ser uma abertura para o contato com a poesia de um modo mais geral, abarcando sua pluralidade.

A presença da poesia *Slam* em uma antologia como a estudada aqui, ainda mais com o reconhecimento do prêmio Jabuti, valoriza sua importância tanto para quem escreve e performa esses poemas, quanto para quem gosta de ler e assistir às performances. Além disso, acompanha e dissemina as manifestações poéticas da atualidade, permitindo a leitores, expectadores e pesquisadores o contato com essas produções. Como já dizia Hegel (1980, p. 38), ainda no século XIX: “A natureza da poesia varia também com as épocas”, acrescentando que “a poesia de cada povo e de cada época contém um elemento inteligível para todos os outros povos e todas as outras épocas” (HEGEL, 1980, p. 39); assim, a importância do registro e disseminação das mais diversas manifestações poéticas, uma vez que cada uma delas merece seu lugar, olhar e escuta.

O *Slam* interescolar, para além do intervalo temporal presente na antologia (2015-2019), sobreviveu ao período da pandemia da Covid-19, vivenciada em todo o mundo, contando com um planejamento e execução por meio remoto-digital. O evento voltou a ser presencial a partir de 2022, e, a cada ano, o número de escolas participantes aumenta, assim como o de cidades das mais diversas regiões brasileiras. É possível encontrar inúmeras apresentações dessas performances nas plataformas digitais, sobretudo Youtube e Instagram, através das quais são também exibidas *lives* dos encontros, que, muitas vezes, ficam gravadas e disponibilizadas nas plataformas.

Referências

ALCADE, Emerson (org.). *Slam nacional em dupla: Brasil que o povo quer*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018.

ASSUNÇÃO, Cristina Adelina de; JESUS, Emerson Alcade de; SANTOS (Chapéu), Uilian da Silva (org.). *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam interescolar*. São Paulo: Coletivo Slam Guilhermina, 2021.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1937.

CAPÃO, Slam. *Favela em ação: Slam Capão*. São Paulo: Editora Cosmos, 2020.

CIRÍACO, Rodrigo (org.). *Pode pá que é 10*. São Paulo: Um por Todos, 2016.

CIRÍACO, Rodrigo (org.). *Pode pá que é nós que tá - vol. II*. São Paulo: Um por Todos, 2013.

CIRÍACO, Rodrigo (org.). *Pode pá que é nós que tá*. São Paulo: Um por Todos, 2012.

DUARTE, Mel (org.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta Brasil, 2019.

HEGEL, Friedrich. *Estética: poesia*. Traduzido por Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editores, 1980.

HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *26 poetas hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *As 29 poetas hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LUDEMIR, Julio; GULLIVER, Ronald (org.). *Slam Coalkan*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

MINARELLI, Enzo. *Polipoesia: entre as poéticas da voz do século XX*. Traduzido por Frederico Fernandes. Londrina: Eduel, 2010.

NEVES, C. A. B. Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. *Linha D'Água (on-line)*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. DOI <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v30i2p92-112>.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, Yasmim (org.). *Slam fluxo: apologia marginal*. Santos (SP): Giostri, 2019.

ZAMBELLI, Paula Candido. Antologizando a nação: antologias literárias brasileiras, identidade e ideologia no Estado Novo (1937-1945). *Amérique Latine Histoire et Mémoire, Les Cahiers ALHIM*, [s. l.], v. 33, 2017. DOI <https://doi.org/10.4000/alhim.5718>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/alhim/5718>. Acesso em: abr. 2013.